

Produzir conhecimento.com: o que eu aprendi com Paulo Freire

Cesaltina Abreu 

Resumo

Este texto é uma tentativa de registrar, através de uma retrospectiva de quase 5 décadas, os efeitos da inspiração de Paulo Freire na minha vida de cidadã e de acadêmica. Inicialmente causada pelo método de alfabetização de adultos de Paulo Freire, em 1974, essa inspiração fortaleceu-se com o contacto com a obra de Paulo Freire e com os desafios ao longo do percurso, percebidos como oportunidades para a aplicação da práxis transformadora em distintos contextos, até chegar à extensão universitária cidadã, atividade atual. Na recuperação das memórias de cada um desses contextos e experiências, reavivaram-se os ensinamentos, e tornou-se talvez mais perceptível o quanto cada uma dessas experiências contribuiu para reproduzir e fortalecer a vontade de continuar a praticar o questionamento, o pensamento crítico, a exercitar a autonomia e a criatividade, em contraponto ao conformismo intelectual, à omissão e ao silêncio, tão presentes na nossa contemporaneidade. Nesse revisitar de muitos anos, tornou-se mais premente a necessidade de continuar na luta por uma educação emancipatória que “nos ensine a pensar e não a obedecer”.

Palavras-chave: Educação, Emancipação, Autonomia, Criatividade, Práxis.

Producing knowledge.com: what i learnt from Paulo Freire

Cesaltina Abreu

Abstract

This text is an attempt to record, through a retrospective of almost 5 decades, the effects of Paulo Freire's inspiration on my life as a citizen and academic. Initially caused by Paulo Freire's adult literacy method in 1974, this inspiration was strengthened by the contact with Paulo Freire's work and the challenges along the way, perceived as opportunities for the application of transformative praxis in different contexts, until reaching the citizen university extension, current activity. In the recovery of the memories of each of these contexts and experiences, the teachings were revived, and it became perhaps more perceptible how much each of these experiences contributed to reproduce and strengthen the will to continue to practice questioning, critical thinking, to exercise autonomy and creativity, in counterpoint to intellectual conformism, omission and silence, so present in our contemporaneity. In this revisiting of many years, the need to continue the struggle for an emancipatory education that "teaches us to think and not to obey" has become more pressing.

Keywords: Education, Emancipation, Autonomy, Creativity, Práxis.

Introdução

Desde os tempos de estudante do Curso Superior de Agronomia da Universidade de Luanda, na primeira metade da década de 70, Paulo Freire deixou de ser apenas um nome, para mim. Passou a ser alguém de quem eu precisava conhecer mais e mais as ideias, porque a cada nova leitura, ou a uma troca de ideias a propósito dos seus métodos, crescia em mim a admiração por esse professor, tão “amoroso” quanto revolucionário.

Entre outras, muitas, dívidas que eu tenho para com Paulo Freire, uma delas tem a ver com a inspiração para mergulhar no respetivo contexto e dele “ir submergindo” carregada de sentidos e motivações para a ação. Ao contrário do que muitos autores sugerem, e praticam, eu argumento - e procuro aplicar na minha prática - que, em vez de oferecer *insights* sobre a condição humana, os cientistas sociais devem abordar a contingência e a complexidade das sociedades modernas, começando por aquela que melhor conhecem, e dos seus modos de vida. Essa seria uma grande contribuição para estimular abordagens interdisciplinares, porque os desafios de hoje não podem mais ser entendidos ou enfrentados de forma isolada. A inovação e o diálogo interdisciplinar criam sinergias a partir das interfaces entre distintas áreas do conhecimento engajadas num propósito comum.

Mais recentemente, tenho mobilizado o legado de Paulo Freire para a construção do conceito de Humanidades Públicas, o qual, partindo do reconhecimento e da valorização de saberes produzidos fora dos ‘muros’ da academia, se aplica a projetos e iniciativas que tornem o conhecimento da academia mais acessível ao público em geral, promovendo o debate público e coletivo sobre questões de bem-comum, como direitos, democracia, ambiente, desenvolvimento, solidariedade, confiança, sustentabilidade, etc. Por essa razão, um projeto em Humanidades Públicas implica produzir conhecimento.COM. Com pessoas, coletivos, organizações, movimentos, instituições. É nesta óptica que o conhecimento se torna produto de um processo de coautoria.

Muito sumariamente, o que eu aprendi com Paulo Freire?

O que aprendi com as Pedagogias de Paulo Freire e que procurei aplicar

- pensar a realidade como processo, em constante definição e não como algo estático
- a consciência humana como uma construção
- o sujeito como fruto da criação cultural, nunca individual
- o ser humano como histórico e inacabado, sempre pronto a aprender
- a centralidade do diálogo para fazer funcionar o papel libertador da educação
- a concepção metodológica que institui uma nova relação entre educador e educando
- a concepção “revolucionária” da educação como consciencializadora e libertadora, ao contrário da “educação mecanicista”, mnemónica, e contábil, que cria um exército de pessoas não pensantes

- a oralidade / a palavra como instrumento de transformação do Homem e da Sociedade
- o processo de educação como indissociável da conscientização política, ou seja, o processo de ensino-aprendizagem envolve, e implica, a transformação de homens e mulheres em sujeitos de transformação social; as pessoas devem saber ler não apenas letras, mas ler o mundo, a partir de uma perspectiva crítica e autónoma/emancipatória
- a ideia da Escola Viva, enquanto espaço democrático, dialógico e criativo
- a necessidade de coerência e consistência entre teoria e prática, entre o discurso e a ação, entre a vida pessoal e a vida pública
- o respeito pelos saberes empíricos, os saberes de mundo, vivências e experiências, dialogando com o senso comum e considerando diversas capacidades e maneiras de criar, criticar e crescer
- a necessidade de conhecer o mundo para transformá-lo: reflexão, crítica e reconhecimento.

Foram, e são ainda, muitas as influências e as inspirações. Eu vou tentar, neste texto, organizar melhor esta minha reflexão, seguindo um roteiro que se inicia em 1974, no Huambo, região central de Angola.

Huambo, 1974¹¹

A minha apresentação ao método de Paulo Freire aconteceu no Huambo, entre 1974 e 1975, onde vivia e estudava Agronomia. Participei numa formação na Metodologia de Paulo Freire para Alfabetização de Adultos, percebendo-a como uma proposta basicamente consciencializadora em relação à alfabetização de adultos, sendo o seu principal objetivo promover a leitura do mundo a partir das experiências de vida do educando, ou seja, partindo da realidade de vida dos alfabetizandos para a aprendizagem da técnica de ler e escrever.

Lembro-me de ter sido cuidadosamente estudado o seu método e os seus três momentos, inter-relacionados:

- a investigação temática, em que alfabetizador e alfabetizando buscam no universo vocabular onde este *vive as palavras e os temas centrais da sua vida*. Trata-se da descoberta dos temas e das palavras geradoras relacionadas com o quotidiano dos alfabetizandos e do grupo social a que pertencem e em que vivem. Tais palavras são selecionadas em função da riqueza silábica, do valor fonético e do significado social, trazendo a cultura do alfabetizando para dentro da sala de aula.
- a tematização, na qual alfabetizador e alfabetizando buscam o significado social das palavras, valorizando e mobilizando o conhecimento empírico e as vivências quotidianas do contexto de vida dos alfabetizandos e das suas famílias.

¹¹ Retomada de reflexões da comunicação: “Sentidos e Praxis de Paulo Freire em Angola: Educação e Emancipação”, 19 Setembro de 2020.

- a problematização, passar do momento da descoberta, mágico, para uma visão crítica, partindo assim para a transformação do contexto vivido. Nesta ida e vinda do concreto para o abstracto e do abstracto para o concreto, volta-se ao concreto problematizando, descobrindo limites e possibilidades existenciais captadas na primeira etapa¹².

O método propõe a identificação e catalogação das palavras-chave do vocabulário dos alfabetizandos, designadas de “palavras geradoras”. Elas deverão promover condições, criar as oportunidades de experiências da vida comuns e significativas para os integrantes da comunidade e para a realidade dos alfabetizandos. Esta palavra-chave é trabalhada pelo alfabetizador na perspectiva de uma representação visual do objeto que ela representa. Os mecanismos de linguagem serão estudados depois da decomposição, em sílabas, das palavras geradoras. O conjunto de expressões e de palavras devem construir e gerar possibilidades silábicas e permitir o estudo de todas as situações que podem ocorrer durante a leitura e a escrita. Assim, o alfabetizando abre os seus horizontes, da sala de aula para o mundo lá fora; aprende a ler a realidade, quebrando o silêncio e transformando a realidade, como sujeito de sua própria história¹³.

Huambo, CIR Kwenha 1974/1975

Após a formação, e ainda sob a supervisão da nossa formadora, Ana Paula Tavares, fui encaminhada para trabalhar com um grupo de instruendos do CIR (Centro de Instrução Revolucionária) Comandante Kwenha, do Movimento Popular de Libertação de Angola, MPLA, nos arredores da cidade de Nova Lisboa, hoje Huambo.

Do que consegui aprender naquele período, nas matas, os CIRs eram simultaneamente espaços de formação militar e de formação cidadã, dos guerrilheiros e das comunidades a eles adjacentes. Eram lugares de transformação de mentalidades, de construção de identidades coletivas com base nos ideais de emancipação e de solidariedade.

Título: Imagens de livro e manual de alfabetização.

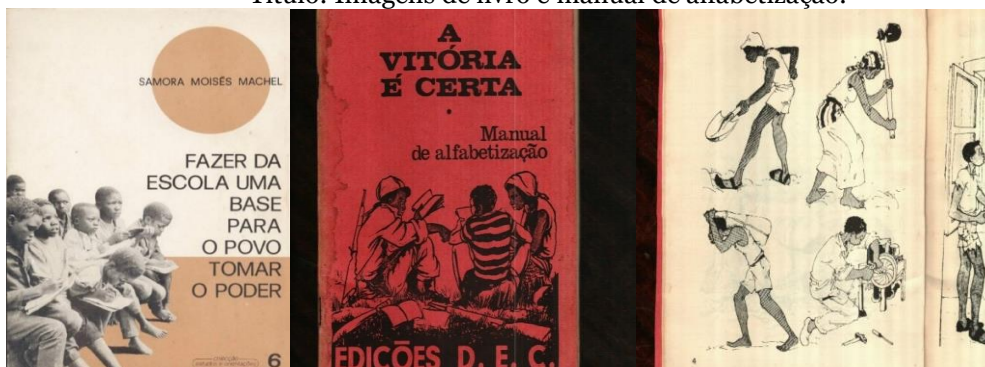


Foto 1: Machel (1974); Foto 2: Acervo de Maria Cristina Pinto.

¹² Freire, P. 1997

¹³ Freire, P. 1987

A criação nos CIR de atividades de formação visando à capacitação e à formação de uma consciência transformadora das sociedades subjugadas pelo colonialismo de ocupação, materializava a ideia traduzida por Samora Machel no seu livro cuja capa acima reproduzo¹⁴. No Manual de Alfabetização¹⁵, cuja capa também apresento, o recurso a imagens da vida quotidiana das pessoas enquadrava-se no método freireano de alfabetização e de aprendizagem em geral, no sentido de partir das realidades socioculturais das pessoas para a construção da abordagem à produção de conhecimento em parceria, entre alfabetizador e alfabetizados, e entre estes.

O grupo não era homogêneo, sendo a maioria de origem Kwanyama, das sociedades pastoris do sul de Angola. Mal se expressavam em português. Dada a heterogeneidade do grupo, tornava-se difícil identificar palavras geradoras que fossem comuns a todos, a partir das realidades socioculturais. Optei por trabalhar com eles, todos, a partir da vivência comum que tinham ali, naquela fazenda/chitaca transformada em Centro de Instrução.

Por isso era comum que as palavras geradoras estivessem relacionadas com o treinamento, a expectativa da vida militar, a “ideia de guerrilheiro” que cada um tinha na cabeça, a “guerra civil” que cada vez mais se apresentava como o cenário seguinte, entre outros.

As ‘aulas’ aconteciam 3 vezes por semana, ao final da tarde. Quando eu lá chegava no carro militar, desde a entrada até chegar ao edifício onde funcionava “a escola”, sempre havia dois a três deles acompanhando o carro e procurando entregar-me um papel (em geral um pedaço de jornal que tinha apanhado no chão, ou no lixo) com algo escrito (em geral, com carvão), uma palavra que constituíam seguindo o método da decomposição em sílabas... muitas foram as vezes em que a palavra que me apresentavam, com o maior sorriso do mundo e esperando aprovação, não existia em português ... como dizer-lhes isso?

Foi uma aprendizagem tremenda para mim. Nesses casos, procurava agir no sentido de dar espaço ao desenvolvimento desse pensamento inicial que tinha levado à “descoberta” daquela ‘palavra’, procurando em seguida promover o pensamento crítico em relação à aplicação para aquela palavra, através de um caminho de busca e de eliminação do que não se aplicava. A tomada da cidade, em 10 de Agosto de 1975, pelas forças armadas da União Nacional para a Independência Total de Angola, UNITA, forçou a paragem dessa experiência.

Ainda no Huambo, pensando na educação para uma Angola independente

Enquanto estudante de Agronomia, participei de uma equipa que, em 1974, promoveu debates, na faculdade e noutras instituições, sobre o ensino superior em Angola e elaborou um documento proposta designado "Repensar o Ensino em Angola"¹⁶.

¹⁴ Machel, S. 1974

¹⁵ Manual de Alfabetização, 1974. Foto gentilmente cedida por Maria Cristina Pinto.

¹⁶ Pires, E.; Abreu, C.; Fernandes, J.; Piairo, M.; Amaral, V., 1974

Na transição para a independência de Angola, o objetivo subjacente a este projeto era o de refletir sobre o sistema de ensino que tínhamos aos vários níveis, tentar antecipar quais seriam as necessidades do futuro país, começando pela questão fundamental da criar um sistema “nacional” produto, e ao mesmo tempo reflexo, de uma realidade multicultural, que contribuisse para a identificação e cicatrização das feridas provocadas pela intervenção colonial nas sociedades locais e seus modos de vida, numa perspectiva oposta ao tão frequente recurso ao paradigma da vitimização devido a “fatalidades” como o colonialismo, a escravatura e o *apartheid*, impostos por forças exógenas, sem escape. A busca era por um sistema de educação e ensino inserido na sua realidade sociocultural e inspirado e reproduzido pelos valores africanos, promotor da cidadania até então negada aos angolanos, e de autonomia e agenciamento em relação aos caminhos a trilhar com vista à construção de uma sociedade livre, plural e inclusiva da diversidade sociocultural existente. A partir da apresentação da proposta à sociedade e ao governo de transição, particularmente à Secretaria da Educação e Cultura, o projeto ganhou fôlego com a criação do Gabinete de Estudos de Planeamento Educacional. Olhando quase cinco décadas atrás, a minha participação nesse grupo de trabalho e, posteriormente no Gabinete, só pode ter sido inspirada pela formação anterior no método de alfabetização de Paulo Freire.

Tal como antes referido, este processo foi abruptamente interrompido pela tomada pela UNITA, da cidade do Huambo, em 10 de Agosto de 1975.

A Escola de Catofe, 1978

Entre finais dos anos 70 e início de 80, tive a oportunidade de participar numa experiência muito interessante, inspirada na obra de Paulo Freire. A alguns quilómetros de onde então vivia e trabalhava, Waku Kungo - no Município da Cela, Província do Kwanza Sul -, foi instalada na povoação de Catofe (município da Quibala, Província do Kwanza Sul), em Junho de 1978, uma Escola Provisória destinada a adolescentes não escolarizados, de 12 a 16 anos, filhos de pequenos produtores rurais da região. A organização dos processos de aprendizagem alicerçava-se no binómio Estudo<>Trabalho com inspiração no quotidiano e nas experiências desses adolescentes e suas famílias e respectivas atividades produtivas e culturais. Muitos dos 1 500 que entraram nessa altura conseguiram o equivalente à 6 e 8ª classes do ensino geral, prosseguindo os estudos do ensino médio.

A Criação do FAS (Fundo de Apoio Social)

Em 1994, através do relatório do Programa Económico e Social (PES/94), o governo reconheceu publicamente a pobreza como categoria económica e social a exigir medidas de política urgentes, anunciando uma Agenda Social no âmbito da qual foram encetados os primeiros passos para o combate à pobreza.

Entre eles, o Fundo de Apoio Social (FAS) e o Gabinete de Monitorização das Condições de Vida da População (GMCVP), ambos financiados pelo Banco Mundial, e o Programa de Reabilitação Comunitária (PRC), com apoio do PNUD.

O Fundo de Apoio Social foi criado para financiar projetos comunitários e a sua intervenção dirigia-se a atender necessidades mais prementes das comunidades. E a sua criação, embora tenha procurado aprender com experiências bem sucedidas de abordagens participativas ao combate à pobreza, particularmente de países da América Latina, assentou nas consultas a governos, instituições e organizações das províncias em que se desenvolveu a sua fase-pilotol, designadamente Kwanza Sul, Benguela, Namibe e Cabinda.

Os princípios que regeram a concepção da intervenção do FAS eram a autonomia e a descentralização, que permitiram o desenvolvimento de capacidades reflexivas nos diversos atores sociais (incluindo as próprias equipas do FAS), pelo protagonismo atribuído na adequação de regras e procedimentos aos mais diversos contextos socioculturais e económicos, na busca de soluções criativas e locais para problemas partilhados a nível nacional, e na criação de um sentimento de corresponsabilidade no enfrentamento da pobreza

Também aqui, a influência de Paulo Freire, na ideia da responsabilidade coletiva só faz sentido quando pressupõe autonomia: a maior individualização, pelo aumento de capacidade dos indivíduos, gera maior pluralização nas formas de agregação de interesses e preferências, dificultando a integração social, demandando novas solidariedades e ordens sociais, assentes em novas concepções de reconhecimento e responsabilidade.

No nome e no símbolo também constam elementos que apelam à Solidariedade, como na fogueirinha tão significativa:



- As cores quentes
- A fogueirinha reunindo e aquecendo
- A ideia de “em redor”, de Ondjango¹⁷, de “Nós”
- Em alguns modelos a fogueirinha aparecia dentro de um abrigo criado com as mãos...

Tudo isso para exemplificar cuidado, participação, solidariedade ... Estamos Juntos!

Porque o FAS se distinguiu? Pela questão axial da participação da comunidade e pela criação de espaços de diálogo aos vários níveis da sociedade, contribuindo para a construção de uma abordagem multidisciplinar e social ao fenómeno da pobreza. Também pela

¹⁷ Nota da Autora: Na cultura Umbundu, do centro-sul de Angola, Ondjango ou Onjango significa “no jango”. ‘Jango’ é o local de reunião das comunidades rurais onde são discutidos, ao final do dia, os problemas comuns, e onde impera o direito costumeiro, exercido pelos Sobas (autoridades tradicionais) e pelos Kotas (mais velhos), à vista de todos. A sua representação é a de um espaço circular, aberto, que permite aos não diretamente envolvidos nas discussões, verem e ouvirem o que está em discussão.

transparência e prestação de contas na implementação e gestão de programas sociais, numa abordagem mais estruturante do que emergencial embora Angola estivesse em guerra civil. Mas acima de tudo, porque praticou o princípio de aliar ‘teoria’¹⁸ e ‘prática’¹⁹/praxis

A dissertação de mestrado que defendi em 2001²⁰, e que teve como base a minha experiência no FAS, reforçou os conhecimentos que trazia de etapas anteriores e acentuou as minhas convicções no que toca à importância de abordagens participativas, de baixo para cima. Este trabalho de sistematização e de reflexão permitiu-me compreender que

1º. o fortalecimento multidimensional do potencial dos indivíduos traduz-se em aumento dos níveis de confiança, de responsabilidade, de respeito e de reconhecimento, com resultados visíveis no desempenho diferenciado dos cidadãos, pelos níveis de participação que promove, considerando que estes elementos são pressupostos fundamentais de uma cidadania ativa e suportes de uma luta pela expansão dos direitos humanos;

2º. a promoção da participação no debate das questões de interesse público, através da criação de plataformas de concertação social, expande o espaço público, tornando-o mais inclusivo e diversificado e cria os pressupostos para o exercício da cidadania e o fortalecimento da sociedade civil: aos diversos níveis e nas mais variadas classes e estratos sociais, as pessoas refletem sobre os seus problemas e as dificuldades que o país atravessa, formulam sugestões e apresentam propostas com vista a enfrentá-los e resolvê-los, incluindo-se nelas como parte da solução.

Esta análise trabalhou com indicadores de satisfação, participação, efeitos na vida associativa e na organização de bases comunitárias, reconhecimento e responsabilidade, sentimento de apropriação dos projetos, relações de género e de interdependência, e relações entre as lideranças e as comunidades, o FAS e o exterior.

As ações de combate à pobreza tiveram, na generalidade e apesar do contexto de guerra prevalecente durante toda a etapa em avaliação (1994-2000), um impacto visível na promoção da cidadania, através:

- da criação de oportunidades de acesso a bens coletivos e serviços públicos, numa base universal;

¹⁸ Nota da autora: tanto na perspectiva do conjunto de princípios fundamentais de uma arte ou de uma ciência, quanto o conjunto de ideias base de um determinado tema, que procura transmitir uma noção geral de alguns aspectos da realidade, mas também de uma hipótese, uma conjectura, uma opinião formada diante de um facto: uma teoria tenta explicar algo de difícil concretização. Uma teoria científica é a parte especulativa de uma ciência, por oposição à prática. É um sistema consistente formado por observações, ideias e axiomas ou postulados, constituindo no seu todo um conjunto que tenta explicar determinados fenómenos.

¹⁹ Nota da Autora: Prática remetendo à acção propriamente dita, designando uma acção que caracteriza algo pensado e que possui um carácter utilitário, e Praxis indo além do seu significado original (grego) e transcendendo o que entendemos por prática. Ou seja, uma actividade consciente e objectiva, não produtora ou voltada à fabricação material, mas transformadora de ideias, caracterizando uma operação intelectual activa e fomentadora. Em Freire (1987) implica a acção e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Neste sentido, Praxis é a actividade que pressupõe um sujeito livre e consciente, não existindo separação entre pensar teoricamente e agir na prática. Trata-se da acção intersubjectiva entre sujeitos, que se relacionam por meio da produção material.

²⁰ ABREU, C. 2001

- da institucionalização de instâncias de participação, aos diversos níveis da sociedade, ampliando espaços públicos e oportunidades de conhecimento e de debate;
- da visibilidade do papel das lideranças locais - articuladores das relações entre as comunidades e o seu entorno, ampliando as condições de diálogo e aproximação, pressupostos de confiança, solidariedade e capital social;
- da ampliação de perspectivas individuais e coletivas em relação ao futuro;
- da elevação dos níveis de confiança e autoestima, solidariedade e capital social dentro das comunidades
- do estímulo ao debate e à participação entre estas e atores sociais externos, permitindo um ambiente mais favorável à cooperação e ao respeito pela diversidade.

E quais foram as principais constatações que a pesquisa de suporte à dissertação explicitou?

- Houve um incentivo à dinamização de estruturas organizativas de base e à mobilização da participação dos destinatários dos projetos
- Houve um reforço de capital humano e de formas de capital social capazes de gerar mudança na atitude dos pobres em relação à sua própria condição de privação de capacidades
- Estabeleceu-se uma relação positiva do funcionamento das estruturas de poder local legitimadas pelos seus concidadãos com os níveis de participação, a circulação da informação nas comunidades e o sentimento de responsabilidade relativamente à execução dos projetos
- Tornou-se perceptível uma mudança - de uma atitude de resignação, desesperança e descrença quanto aos resultados, prevalecente quando da apresentação da proposta de parceria pelo FAS e indícios de uma outra dinâmica comunitária através dos níveis de participação nos projetos, da redinamização de associações locais e do renascer da esperança na mudança das condições de vida
- Também a expressão de sentimentos pelos membros das comunidades passou a situar-se numa transição entre a linguagem afetiva de caracterização da situação anterior, e a linguagem racional do pós-projeto, revelando uma grande capacidade de absorção e de criatividade

Na Ibis, coordenando o Programa de Apoio às Organizações da Sociedade Civil em Angola (PSC)²¹

O PSC resultou de uma história de apoio à sociedade civil em Angola pela Íbis (organização não governamental dinamarquesa) que começou com o PRONA em 2003, o encerramento do mesmo logo a seguir, e a criação através de abordagens participativas do

²¹ NIELSEN, F; THAW, D; VESTERGAARD, M. 2007.

Programa Nzoyetu (A Nossa Casa), em finais de 1994. O PSC tinha como objectivo o reforço das capacidades de intervenção cidadã das organizações da sociedade civil e seus membros, através do apoio aos seus processos de desenvolvimento.

O programa tinha como linhas orientadoras: Formação e acompanhamento organizacional, Debates Públicos sobre temas escolhidos pelos parceiros, e a criação de Centros de Recursos (espaços de encontro onde também existiam acervos físicos e digitais, disponibilidade de equipamentos para acesso à internet por membros das organizações parceiras e públicos em geral)

Fundamental na abordagem da Ibis foi o trabalho em parceria, de forma a garantir que lições importantes fossem aprendidas e que o conhecimento fosse partilhado com os parceiros que fariam uso dos métodos e abordagens para se tornarem organizações da sociedade civil fortes e independentes.

O programa da sociedade civil trabalhou com dois tipos de parceiros. Em primeiro lugar, as organizações locais, com as quais o programa conscientemente trabalhou com vista a fortalecê-las em termos de visibilidade e voz, e de uma abordagem mais crítica e facilitadora para o desenvolvimento. O segundo grupo de parceiros era composto pelas organizações convidadas a ajudar a Ibis na implementação dos processos de treinamento e de acompanhamento de processos, por exemplo: organizações locais vocacionadas para a formação e o desenvolvimento. Em ambos os casos a intenção (e a expectativa) é que essas organizações iriam continuar a usar as suas habilidades e experiência para trabalhar com outras organizações locais, e, no caso do segundo grupo de parceiros, para continuar a oferecer alguns dos, ou todos os, três módulos de formação desenvolvidos e implementados pela Ibis, após a Ibis deixar Angola.

O que aprendi sobre parcerias?

As verdadeiras parcerias são difíceis de formar quando um dos parceiros detém uma força significativa em termos de recursos financeiros, capacidade organizativa e experiência, e a outra não. Uma relação de dependência pode rapidamente desenvolver-se, na qual a organização local vê o seu parceiro (no caso a Ibis) como um salvador, como alguém que veio para resolver os seus problemas e que vai trazer dinheiro para o relacionamento. A equipe do programa da sociedade civil resistiu conscientemente a ser vista dessa maneira e a responder dessa forma, o que potencialmente aprofundaria, no parceiro local, o sentimento de vítima das circunstâncias, precisando de salvação.

Uma segunda lição dolorosamente aprendida pela equipa do programa foi a de que não se pode supor que, pelo facto de se convidarem pessoas para uma oportunidade que se sente como necessária, os convidados tenham essa mesma percepção. A Ibis ofereceu os primeiros módulos a uma ampla gama de organizações com as quais a Ibis não tinha nenhum

verdadeiro relacionamento. Considerando que o treinamento foi projetado para aumentar a capacidade das organizações através dos três módulos, e muitos não participaram na formação completa, acabou sendo um exercício fútil para eles.

Além disso, diferentes parceiros terão o que querem, o que podem usar, o que faz sentido para eles e o que vêem como tendo benefícios no futuro. Ter a expectativa de que todos vão querer o mesmo e se comportarem da mesma maneira é um erro.

Quais as mensagens que guardei desta experiência no que respeita à construção de parcerias?

Os verdadeiros parceiros emergem do processo. De várias relações, aqueles que respondem positivamente e com energia à oferta e querem ficar com a iniciativa são os susceptíveis de evoluírem para parceiros valiosos, com capacidades e experiência.

Não ofereça uma parceria. Em vez disso, convide potenciais interessados em codesenhar a formação como forma de construção de uma propriedade partilhada da iniciativa. Aqueles que quiserem ficar com ela, ficarão - os outros poderão dizer que esse não é o seu plano no momento. Mas eles sabem que você está fazendo e podem apoiar de outras formas.

Alguns conselhos para ambos, Ibis e parceiros, para evitar a dependência na construção de parcerias eram:

"Você pode fazer isso sem nós - experimente! Estamos do seu lado"

"Busque uma parceria com igualdade de responsabilidades"

"Seja forte - não deixe que eles te comam"

"Tenha uma identidade - saiba quem você é, e use a sua capacidade de agir".

Enquanto docente e pesquisadora

a) Docente

Até Novembro de 2021 fui Chefe do Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, onde lecionei várias disciplinas do curso de Sociologia, em particular na área de Sociologia Política; lecionei igualmente, um módulo sobre Qualidade de Vida e Sustentabilidade no Mestrado em Arquitetura, da Faculdade de Engenharia²².

Como método, iniciava cada ano letivo com um encontro com os novos estudantes para introdução ao Curso e à vida académica, durante o qual procurava conhecer as motivações e objetivos de carreira, aprender sobre problemas e sugestões para resolvê-los, e tentar orientá-

²² Já não desempenho as funções de Chefe de Departamento e de docente. Mantendo apenas as atividades de pesquisa no LAB, Laboratório de Ciências Sociais e Humanidades da Universidade Católica de Angola.

los nos repertórios de estratégias de aprendizagem (Harpe & Radloff, 1999)²³. Promovia outras reuniões para apoiar quer trabalhos individuais quer para planejar aulas-extra visando abordar e procurar resolver problemas comuns. Para reforçar a confiança e a tolerância, sempre procurei conhecê-los pelos nomes e particularidades, e compartilhar com eles as minhas próprias experiências, valores e princípios, em geral ligados a situações ou eventos de interesse público.

Entre as minhas funções como Chefe de Departamento, liderei dois processos de reforma do Curso de Sociologia, o primeiro em 2011 e o 2º, entre 2015 e 2016, findo o 1º ciclo de implementação do novo programa. Estas reformas inspiraram-se numa filosofia que assume que a educação molda a sociedade e o futuro por meio dos estudantes de hoje, ou seja, o poder transformador referido por Paulo Freire. Enfatiza uma cultura académica que prepara os estudantes para contextos multiculturais e abordagens interdisciplinares, que promove o pensamento crítico e criativo, e que desenvolve atitudes, comportamentos e capacidades para que possam contribuir para a sociedade como cidadãos ativos²⁴.

Os valores, crenças e expectativas que nortearam esses processos são importantes para explicar as minhas abordagens e métodos de ensino. Princípios: reconhecimento dos direitos fundamentais, cultura de paz e de progresso social, humanização dos negócios, reflexão sobre limites éticos, análise dos dilemas atuais resultantes dos impactos socioeconómicos positivos – geração de riqueza -, e negativos - esgotamento de recursos naturais, aceleração de mudanças climáticas e produção de desigualdade social

Valores: solidariedade, altruísmo, voluntariado, convicção, transparência, diversidade, respeito e interesse pelo outro, pela diversidade e pela divergência de opiniões, e rejeição de qualquer forma de preconceito e de desperdício.

Começarei por refletir sobre o papel da Universidade, a sua função social.

Vejo a universidade como uma instituição secular e republicana, produzindo pensamento crítico e promovendo inovação e criatividade. Nesse sentido, o ensino superior deve visar a criação de uma sociedade nova, não violenta e não exploradora, formada por indivíduos altamente motivados, iluminados, integrados, inspirados no amor pela humanidade e guiados pela sabedoria.

A influência da ciência na sociedade é determinada pelo seu nível de desenvolvimento científico, por um lado, e pelo grau de compreensão pública de sua importância, por outro. É através da disseminação do conhecimento científico e das suas aplicações que a sociedade se dará conta da importância das descobertas científicas para o progresso social através da melhoria das condições de vida. Outro meio consiste em promover um ambiente propício à identificação de novas vocações e privilegiar os investimentos em ciência e tecnologia que

²³ HARPE, B. & RADLOFF, A. 1999

²⁴ HEPWORTH, M. & DUVIGNEAU, S. 2012.

sejam estratégicos, a todos os níveis, para o desenvolvimento e a emancipação da sociedade. Somente quando essa consciência existe numa sociedade é possível entender o desenvolvimento científico e tecnológico como um instrumento fundamental para a superação das distinções entre nações desenvolvidas e as “em desenvolvimento”, entre países pobres e países ricos.

Além das atribuições no campo da ciência e da tecnologia, as universidades devem sentir-se responsáveis pelo surgimento de uma nova responsabilidade em favor da reconstrução de uma sociedade que seja capaz de reinventar uma cultura mais humana sem rejeitar os ganhos da ciência e da tecnologia noutros domínios da ciência, pelo contrário. Para isso, as universidades devem levar a sério a questão de sua função social buscando um novo equilíbrio entre a formação técnico / profissional e a formação humanística / cultural. Isso não significa apenas abordar temas em disciplinas ou cursos criados em artes ou humanidades, mas em ampliar verdadeiramente o conceito de formação estritamente acadêmica, o que pressupõe uma revisão séria da concepção do que é uma Universidade e da prática acadêmica que têm prevalecido até agora, mormente no que respeita à ‘mercantilização’ do conhecimento.

É preciso deixar de “perseguir” publicações e citações, e passar a abordar os problemas sociais reais; ao imperativo dos dados quantitativos importa mobilizar os métodos qualitativos e as análises quali-quantitativas; à fragmentação da ciência em compartimentos estanques, é mister criar oportunidades para abordagens transversais, interdisciplinares e interseccionais.

Paralelamente a Paulo Freire e com ele dialogando, outras das minhas inspirações eram, e continuam sendo:

- “A educação não é um serviço para um cliente, mas um processo contínuo de transformação dos participantes”, União Africana, p.21²⁵
- “Diga-me e eu esqueço. Ensine-me e posso me lembrar. Me envolva e eu aprendo”. Benjamin Franklin (1706-1790)
- Os sistemas educacionais africanos ainda precisam de reconceitualização em todos os níveis, com base em visões de mundo filosóficas africanas, valores socioculturais, crenças e práticas²⁶.

Partilhando algumas das experiências como docente de Sociologia, começaria por dizer que os estudantes do primeiro ano são apresentados, logo no primeiro semestre, a uma disciplina designada Angola Contemporânea que tem como propósito, muito sumariamente, debater em sala de aula a situação atual em Angola e eleger o que deveria ser “A Agenda Pública”. O I semestre compreendia duas Unidades: a 1ª com o de constituir a Agenda Pública

²⁵ AU, African Union, 2007.

²⁶ NSAMENANG, A. B. & TCHOMBE, T. M.S., 2011

em sala de aula, e a 2^a destinada ao trabalho, em grupos, para elaboração e apresentação de uma peça escrita, defendida em apresentação oral seguida de debate em sala de aula. No II semestre aconteciam as outras duas Unidades: a 3^a compreende uma série de Conferências sobre cada um dos temas da Agenda Pública eleita pelos estudantes e trabalhados pelos grupos; e a 4^a é a fase de reelaboração dos trabalhos, pelos grupos, com base no aprendizado resultante das conferências (e da avaliação da peça escrita e da apresentação oral no I semestre), repetindo-se o processo de apresentação oral e debate em sala de aula.

Aquela disciplina Angola Contemporânea (do 1.^o Ano) tinha como objetivo promover um processo de reflexão através do qual construir um quadro de referências para a compreensão da situação/do ‘momento’ em Angola, que servisse de orientação aos estudantes ao longo do curso.

O processo

O ponto de partida era o estímulo ao debate em sala de aula sobre qual seria a Agenda Pública na perspectiva dos estudantes, definindo, por meio de negociação, as 6 principais prioridades dessa Agenda Pública, compreendendo, em síntese: sessões de debate, criação de grupos de trabalho para desenvolver cada um dos itens selecionados para a Agenda; apresentação dos trabalhos em grupo, seguida de discussão das abordagens e argumentos do grupo; conferências, em sala de aula, sobre cada um dos itens da Agenda; trabalho em grupo para rever, corrigir, aprofundar, desenvolver novas linhas de reflexão oferecidas pelas Conferências; apresentação da versão final do trabalho em grupo.

Qual era o meu papel, enquanto professora, nesse processo:

- ✓ estimular a reflexão, a discussão e os argumentos a favor e contra as propostas apresentadas pelos estudantes
- ✓ orientar a identificação da relação causa-efeito
- ✓ estimular a busca de referências /fontes para reforçar ou rejeitar as propostas
- ✓ dar *feedback* sobre as propostas dos estudantes e apoiar a organização do trabalho em grupos
- ✓ organizar as Conferências, identificar e convidar os palestrantes.

Os principais resultados esperados deste processo eram:

- ✚ Aprender a lidar com o medo de falar sobre política e políticas
- ✚ Estimular o debate como forma de expressar ideias pessoais e ser confrontado com as opiniões dos outros
- ✚ Demonstrar a necessidade de negociação e mediação para a ação coletiva
- ✚ Exercitar o trabalho em grupos
- ✚ Descrever a importância de agir no que diz respeito às questões públicas

- ✚ Obter um quadro de referências para as reflexões individuais e coletivas sobre Angola e suas realidades, sempre em actualização.

Quem conhece o ambiente académico em Angola, e a tardia criação da Faculdade de Ciências Sociais, facilmente compreenderá que não foi fácil conseguir “fazer aprovar” um programa curricular com abordagens como as aqui exemplificadas. Foi precisa muita inspiração e uma profunda convicção em relação ao proposto, e de ser esse o caminho para contribuir, enquanto Professora, para a formação de Cidadãos mais do que técnicos, através da construção / promoção de Civilidade, enquanto a atitude individual de preocupação com o bem público, que pretende recuperar a ideia de espírito público que se perdeu na sociedade de mercado, e que é caracterizada pela conduta da pessoa cuja autoconsciência individual está parcialmente sobre determinada pela sua autoconsciência coletiva, e as suas referências são a sociedade como um todo.

Alinhando esta inspiração freireana à ética da vida de Boff²⁷, procurava-se trabalhar: (1) o reconhecimento das experiências individuais e coletivas, (2) as dimensões do voluntariado enquanto solidariedade em ação, da inclusão, da participação, da corresponsabilidade, (3) a necessidade de pensar Limites (*De jure*: efeito de atribuição formal, individual, passividade, distanciamento e apatia; antropocentrismo, (4) a abertura de Horizontes *De facto*: cidadania como prática, individual/coletiva em articulação, ativa, o envolvimento e a responsabilidade.²⁸

A primeira reação a estas novas abordagens era, em regra, defensiva. Independentemente de serem jovens ou adultos, não era fácil envolvê-los em novas propostas. O medo de fracassar num novo contexto de aprendizagem fazia com que eles mostrassem pouco ou nenhum interesse pelo trabalho em grupo, pelo trabalho de campo ou pelas apresentações orais na turma. A dependência criada durante a formação inibia-os – limitava-os - de pensar por si próprios, por exemplo, na escolha de um tema para o grupo de trabalho. A falta de treinamento interativo e a fragilidade no uso da linguagem como ferramenta de comunicação explicam o silêncio quando questionados ou solicitados a opinar.

Apesar disso, a chave foi não desistir e seguir demonstrando outras formas de fazer acontecer, estimulando a sua autoavaliação em processos participativos, não só do ponto de vista dos resultados, mas reforçando a autoestima, a confiança e a emancipação. E foi muito estimulante essa aprendizagem!²⁹

²⁷ BOFF, L., 1999 e 1999a.

²⁸ ABREU, C. 2020

²⁹ ABREU, C. 2018

b) Pesquisa

No domínio da pesquisa e extensão universitária cidadã, promovi em parceria com uma colega, a criação do LAB – Laboratório de Ciências Sociais e Humanidades – como unidade de pesquisa na Universidade Católica de Angola³⁰. Trata-se de um centro de investigação multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar que quer crescer e afirmar-se como referência nacional e internacional no estudo e na produção de conhecimento da vida social contemporânea.

O LAB tem por objetivo desenvolver, promover e divulgar investigação científica fundamental e aplicada, bem como contribuir para a formação académica e científica de pessoas e entidades. As suas atividades desenrolam-se estritamente nos âmbitos científico e cultural, e são independentes de filiações partidárias e vínculos confessionais.

Dada a sua filosofia de abertura à sociedade e de reconhecimento do valor de sistemas de saber e conhecimento não académicos, e dado o seu compromisso para com modos de desenvolvimento societal solidário, justo e participativo, o LAB dá especial importância ao trabalho com organizações e comunidades da sociedade civil, bem como com redes e organizações que partilhem a mesma filosofia de âmbito continental e internacional.

Onde está Paulo Freire no LAB?

1. Está na crítica: A crítica é o que age como força libertadora do pensar, do ser e do saber. A crítica é o que permite a transformação. Este é um pilar central da educação. De facto, é ele que a define: educação é, em si mesma, um processo de transformação.
2. Está na consciência: Tudo na vida é um processo de transformação. Mas os usos e os resultados desse processo podem ser muito contraditórios. A transformação, via educação, pode ser uma em nome da opressão ou em nome de uma normalização de visões do mundo e de relações, especialmente as de poder. Neste sentido, a educação não deixa de ser uma transformação – mas uma que compatibiliza a subjetividade humana com a ordem hegemónica (qualquer ordem que seja). Mas a educação também pode ser um processo de transformação que amplia, reconhece e cuida essa coisa de ser humano. O resultado deste processo em concreto é a consciência. É interessante notar que, ao invés de localizar esta consciência como uma atividade meramente na mente do indivíduo, como o fez Descarte, outras abordagens – desde a teologia da libertação, ao existencialismo dos meados do século XX, à filosofia africana, como a desenvolvida no seio das lutas pela libertação, e atualizada pela *Black Consciousness Philosophy*³¹ – designam a consciência como a rejeição deliberada da alienação e como um movimento

³⁰https://ucan.persistec.com/centro_investigacao.aspx?id=&menu=Laboratorio_de_Ci%C3%A7%C3%A2ncias_Sociais_e_Humanidades&idc=3

³¹ Entre outras, Steve Biko (1987). p. 19.

em direção à autenticidade em nome de todos. E esta autenticidade não é nenhuma essência dogmatizada por ortodoxias ou romantismos tóxicos; ela é, antes de tudo, a liberdade de se ser o que se deseja e escolhe ser.

3. Está na liberdade, na emancipação e na justiça: porque a educação deve ser um processo de transformação de liberdade e em liberdade. A educação tem de ser uma condição de liberdade. A educação serve para sermos agentes históricos, isto é, agentes de agem sobre a história.
4. Está na pluralidade, na experimentação, na criatividade: Se a rejeição da alienação implica a crítica a cânones e ortodoxias naturalizadas, a consciência que dela resulta só pode brotar na pluralidade, no experimento e na criatividade. Se a consciência depende da valorização da diversidade e se ela é o resultado da educação crítica e libertadora, então não é só o ‘eu penso’ (que continua sempre fundamental), mas é também o ‘pensem juntos’. E se esta ideia for capaz de se transformar em princípio e em práxis, então o conhecimento é sempre criado em coautoria.

No transform, como master trainer

Num outro exemplo de aplicação os ensinamentos de Paulo Freire, mais precisamente, na minha formação e práxis como *Master Trainer* do TRANSFORM³², também a participação dos “formandos” nas formações de formadores, para além do protagonismo, constitui um elemento distintivo das formações habituais. É que os “formandos” são solicitados, com antecedência, a indicar quais as matérias relativamente às quais se sentem mais confortáveis para introduzir temas, moderar os debates e facilitar atividades práticas.

Nestas formações, a equipa de formadores procura distribuir as “sessões de apresentação de conteúdos teóricos” e as “atividades” de forma a que todos os formandos sejam retirados das respectivas “zonas de conforto” e sejam estimulados a vencer os seus medos e inibições na preparação das suas intervenções em áreas que não escolheram.

O fortalecimento de capacidades e de habilidades deverá constituir-se no “carro-chefe” da análise metodológica das ações de formação, em Freire, tanto para a Educação em Direitos Humanos quanto para outras áreas de formação. De entre as diversas dimensões desse agora designado ‘empoderamento’, destacam-se as que contribuem para a obtenção de acesso

³² O TRANSFORM é um pacote de aprendizagem inovador para orientar a concepção e a administração de sistemas nacionais de protecção social na África, que foi “desenhado” a pedido da União Africana pelas agências da ONU - PNUD, UNICEF, ITC-OIT e OIT -, com o apoio da Irish Aid e do Programa de Sistemas de Protecção Social da UE / Finlândia (EU-SPS). O principal objectivo do TRANSFORM é construir pensamento crítico e capacidades dos decisores políticos e profissionais a nível nacional e descentralizado na região africana para melhorar a concepção, eficácia e eficiência dos sistemas de protecção social. Abrange materiais e métodos de aprendizagem para a formação de adultos, para ajudar os tomadores de decisão e os profissionais envolvidos na implementação de políticas públicas a se apropriarem da construção de sistemas nacionais de protecção social por meio da aprendizagem contínua, da prática reflexiva, e do diálogo e partilha de experiências individuais e institucionais.

aos serviços e aos bens que o desenvolvimento sustentável proporciona como resultado da transformação dos espaços de vida dos formandos³³.

Essa transformação deverá ser um processo construído a partir da leitura crítica do mundo e dos espaços com que se relaciona, reconhecendo-se como sujeito de direitos e de deveres, e exercendo a solidariedade com o outro. Ou seja, o reconhecimento dos direitos como uma forma de empoderamento de atores sociais, especialmente os marginalizados e os excluídos, na educação para os direitos humanos e para a democracia promove a democracia participativa.

Esta educação permitirá tornar os indivíduos mais conscientes e comprometidos com a melhoria das condições gerais de vida, começando pelas suas. Isto implica que o desafio central da formação é o de assegurar que a mesma tem, de facto, para além da componente pedagógica, as componentes humanista e emancipatória. Fundamentalmente, trata-se da componente do Ser, do Fazer e do Saber Fazer/ Saber Ser. De facto, as competências são um assunto meramente técnico e os direitos humanos não existem em abstrato, devendo ser operacionalizados na materialidade da vida quotidiana. E a formação, bem como a sua qualidade pedagógica, é crucial.

Quase 5 décadas depois, continuo aprendendo com Paulo Freire

Nas experiências que aqui resumidamente apresentei, procurei demonstrar aquela que talvez seja uma das ideias freireanas centrais: os processos educativos permitem, simultaneamente, tornar possível às pessoas, e aos grupos em que participam, afirmarem-se a partir das suas experiências de vida e do lugar a partir do qual constroem as suas visões de mundo, mas também a sua inserção na sociedade como agentes de transformação. Segundo Freire (1980, p. 25), “a educação para a libertação é um ato de conhecimento e um método de ação transformadora que os seres humanos devem exercer sobre a realidade”.

Para ser eficaz a formação deverá visar o aumento dos conhecimentos, o desenvolvimento das competências e a melhoria das atitudes, tanto na perspectiva metodológica quanto nos arranjos práticos e nas decisões relacionadas com a sua preparação.

Metodologicamente, as abordagens interativas, flexíveis, pertinentes e variadas, privilegiam as vivências, os conhecimentos, as experiências de quem quer que esteja no papel de formandos, mas também de quem desempenha o papel do formador. Por isso, qualquer formação, em qualquer área, deve ser implementada por formadores cuidadosamente preparados, e considerar o princípio da especificidade do público destinatário, adequando a formação à avaliação prévia das necessidades específicas do grupo, para permitir a preparação da formação de maneira a responder com pertinência, pragmatismo e flexibilidade.

³³ FREIRE, P. 1987

Nas formações sobre Direitos Humanos em que frequentemente participo, tenho sempre presente que Paulo Freire (1991)³⁴ alertava que a Educação em Direitos Humanos requer uma práxis crítica e reflexiva, antecipando como as principais consequências esperadas:

- ✓ o desenvolvimento de uma identidade coletiva onde o sentimento de pertencimento ao grupo permite uma convivência democrática e crítica, onde todos se respeitam;
- ✓ a melhoria na autoestima dos indivíduos e maior confiança nos relacionamentos e na tomada de decisões;
- ✓ o reforço de habilidades na resolução de conflitos; e
- ✓ o aumento da capacidade de argumentação, com base no pensamento lógico fundamentado nos conhecimentos adquiridos durante os processos educativos.

Uma das ideias que continua a inspirar-me: a urgência de uma nova escola, enquanto esfera pública democrática. É que, como afirmava Paulo Freire, a prática educativa nunca é neutra, mas sempre política. Por todo este aprendizado, obrigada Mestre!

Referências

- ABREU, C. **Ciência e Sociedade**: um convite à reflexão. Conferência inaugural das IX Jornadas Científicas “Ciência E Sociedade”. Faculdade de Ciências, Universidade Agostinho Neto, Luanda, 23 de Novembro de 2011.
- ABREU, C. **Ensinar e aprender**: duas faces da mesma moeda. Sessão de Abertura do II Semestre Lectivo do ano académico de 2018. Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Agostinho Neto. Luanda, 9 Agosto 2018.
- ABREU, C. **O estudante universitário de ciências sociais e a promoção da cidadania**. Sessão de Acolhimento ao Curso de Sociologia, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Agostinho Neto, Luanda, Angola, Março de 2020.
- ABREU, C. **O que eu não posso deixar de referir no 20º**. Aniversário do FAS. Abertura da sessão comemorativa dos 20 anos do FAS, Fundo de Apoio Social. Luanda, 28 de Outubro 2014.
- ABREU, C. **Participação faz diferença?**: reflexões sobre a avaliação da intervenção do Fundo de Apoio Social (FAS), no sudoeste angolano. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), Rio de Janeiro, Brasil. 13 Dezembro 2001.
- ABREU, C. Sentidos e Praxis de Paulo Freire em Angola: Educação e Emancipação. In.: **Paulo Freire e África**: Legados de Educação Libertadora. Rumo ao Centenário de Paulo Freire. Live Streaming, 19 Setembro 2020.
- AU, African Union. **Developing an African Higher Education Quality Rating System**. Addis Ababa, 2007.

³⁴ FREIRE, P. 1991, p.28.

- BIKO, S. **I Write What I Like**. Heinemann. 1987, p. 19. ISBN 0-435-90598-8.
- BOFF, L. **Ética da vida**. Brasília: Letraviva, 1999.
- BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999a.
- DEC. **Manual de Alfabetização**. Edição do Departamento de Educação e Cultura do MPLA; 1974.
- FREIRE, P. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.
- FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987
- HARPE, B. de La (University of Southern Queensland) & RADLOFF, A. (RMIT University). Helping future teachers to be effective learners: Providing in context learning support for first year teacher education students. **Australian Journal of Teacher Education**, v. 24, Issue 2, Article 3. November, 1999 DOI:10.14221/ajte.1999v24n2.3.
- HEPWORTH, M (Loughborough University) & DUVIGNEAU, S. (IDS). **Building Research Capacity: Enabling Critical Thinking through Information Literacy in Higher Education in Africa**. Institute of Development Studies, UK, 2012. ISBN 978-1-78118-102-7
- MACHEL, S. **Fazer da escola uma base para o povo tomar o poder**. Nova Aurora, Lisboa 1974
- NIELSEN, F. G; THAW, D.; VESTERGAARD, M. Review Note. **Civil Society Programme**. November 2007, Luanda, Angola.
- NSAMENANG, A. B. & TCHOMBE, T. M.S. (Org.). **Handbook of African Educational Theories and Practices: a generative teacher education curriculum**. Human Development Resource Centre (HDRC), Cameroon. 2011. ISBN: 978-9956-444-64-2. Chapters: 1, 12, 13, 20
- PIRES, E. L., ABREU, C., FERNANDES, J. V., PIAIRO, M. J. e AMARAL, V. **Repensar o Ensino em Angola**. Gabinete de Estudos de Planeamento Educacional, Universidade de Luanda, Nova Lisboa, 1974.

Biografia Resumida

Cesaltina Cadete Basto de Abreu, licenciada em Agronomia (Universidade de Luanda, 1977), Mestre e Doutora em Sociologia (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, IUPERJ, 2001/2006). Pós-doutora em Estudos da Sustentabilidade em

África (CESSAF/UAN) e Universidade de Newcastle, UK; formação em Prática Académica (CASAP) e em Liderança Académica, Universidade de Newcastle, UK (2012/2013). Master Trainer, Formadora de Formadores do TRANSFORM (Liderança e Transformação na Construção e Gestão de Pisos de Proteção Social em África), desde 2018. Funções atuais: Cooordenadora e pesquisadora do Laboratório de Ciências Sociais e Humanidades da Universidade Católica de Angola (desde março 2017).

Lattes: <https://orcid.org/0009-0002-7369-0922>

Contato: cesaltina.abreu@ucan.edu